

# Quatro anos de políticas de cotas: a opinião docente

O Programa Políticas da Cor do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) realizou, entre os meses de outubro de 2005 e fevereiro de 2006, uma pesquisa de opinião sobre a política de cotas raciais no ensino superior com docentes que implementaram essa política em cinco diferentes cursos, com variado grau de seletividade: direito, engenharia civil, história, medicina e pedagogia. A sondagem foi feita em quatro universidades: Universidade Federal de Brasília (UnB), Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

A análise dos resultados da pesquisa e sua divulgação ocorreram numa conjuntura especialmente delicada. A partir de maio de 2006, o Congresso começou a examinar o projeto de lei 73/99, que institui a reserva de vagas nas universidades federais para o ingresso de negros, negras e indígenas, por um lado, e pessoas oriundas da escola pública, por outro. As cotas previstas no projeto contemplam apenas 50% da proporção dos grupos raciais de cada estado, o que só modificaria a médio ou longo prazo a representação atual de estudantes por cor ou raça nas universidades.

Apesar disso, a medida proposta no projeto de lei tem suscitado controvérsias. Assim, uma pesquisa que revele a avaliação das próprias pessoas encarregadas de fazer com que a proposta seja implementada efetivamente nas instituições federais e estaduais de ensino superior é de particular importância.

Para obter os resultados aqui apresentados, foram realizadas entrevistas com uma amostra de 558 professores e professoras dos cursos selecionados. É importante sublinhar que as conclusões tiradas durante a análise são válidas para os cinco cursos escolhidos e para o conjunto das universidades estudadas, o que brinda, de qualquer maneira, um panorama bastante completo da conjuntura em que se encontra o meio acadêmico brasileiro com relação às cotas.

### Posicionamento docente

Mais da metade de professores(as) entrevistados(as) declarou-se a favor das cotas raciais nas universidades (52%), enquanto 42% pronunciaram-se contrários(as). Percebe-se que a medida de promoção da igualdade nas condições de acesso ao ensino superior tem o apoio de uma maioria relativa de docentes.

Entretanto, observando a opinião de docentes que já tiveram a experiência concreta de exercer a docência com as pessoas beneficiadas pelo regime de cotas, ou seja, deram aulas para estudantes cotistas, em torno de 45% do total entrevistado, o posicionamento a favor da medida aumenta consideravelmente, alcançando um percentual de quase 66%.

Outra variável que também se correlaciona com as respostas de docentes no tocante às cotas é a da percepção do racismo nas universidades: 67% dos(as) que afirmam existir racismo em suas universidades são fa-

Tabela 1 <sup>1</sup> (em %)			
Deu curso para cotistas			
Cotas	Sim	Não	Total
A favor	65,5	37,9	52,8
Contra	29,1	56,3	41,6
Não têm posição	5,4	5,8	5,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Tabela 2 (em %)			
Racismo na universidade			
Cotas	Sim	Não/N.R.	Total
A favor	67,6	39,1	52,0
Contra	27,5	54,2	42,1
Não têm posição	4,9	6,7	5,9
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

voráveis às cotas (45% de docentes) e apenas 27% se manifestam contra. Essa proporção é quase a metade da porcentagem de pessoas que são contra as cotas e não acham que exista racismo nas universidades (54%). O reconhecimento do racismo institucional existente na instituição universitária faz com que o apoio à medida de promoção da igualdade no acesso ao curso superior para pessoas mais desfavorecidas obtenha a aprovação da maioria.

O posicionamento sobre o sistema de cotas raciais também apresentou diferenças interessantes segundo o curso dos(as) docentes. A **tabela 3** demonstra que docentes dos cursos de maior seletividade no acesso, também considerados mais elitistas dentro da universidade, apresentam maior oposição às cotas. Nos cursos de menor seletividade, o apoio é significativamente maior. Assim, em pedagogia e história, a posição favorável ao sistema de cotas é manifestada por 3/4 de docentes no primeiro caso e por 70% no segundo. Entretanto, nos cursos de engenharia civil e medicina, a oposição é de 66% no primeiro e de 70% no segundo. No caso de docentes de direito, o posicionamento favorável foi manifestado por pouco mais da metade de professores(as) entrevistados(as), apresentando-se uma situação mais equilibrada e similar à encontrada para o conjunto de docentes.

### Desempenho estudantil

O desempenho de estudantes foi avaliado, de uma maneira geral, como bom ou muito bom por 87% dos(as) docentes, com poucas variações entre as universidades. Entretanto, quando inquiridos a respeito de estudantes específicos, a avaliação positiva modificou-se um pouco. No caso de estudantes cuja

<sup>1</sup> Todas as tabelas apresentadas neste artigo foram retiradas da Pesquisa de opinião sobre políticas de cotas no ensino superior, LPP/Uerj, 2006.

Cotas	Direito	Eng. civil	História	Medicina	Pedagogia	Total
A favor	50,5	28,6	69,7	22,7	74,7	52,0
Contra	45,0	65,9	24,2	70,1	19,3	42,1
Não têm posição	4,6	5,5	6,1	7,2	6,0	5,9
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

origem é a escola pública, 73% avaliam seu desempenho como bom ou muito bom, subindo esse percentual para 88% no caso de estudantes de escolas particulares.

Por outro lado, é interessante observar que a avaliação de estudantes segundo a cor apresentou pouquíssima diferença, aparecendo tanto estudantes negros(as) como brancos(as) avaliados(as) no seu desempenho como bom ou muito bom por quase 87% dos(as) professores(as). Não foram encontradas diferenças significativas entre as universidades.

### Avaliação de cotistas

Quase a metade dos professores e das professoras entrevistadas já ministrou cursos para cotistas. A **tabela 4** mostra a distribuição de docentes segundo a avaliação do desempenho desses(as) estudantes. Pode-se constatar que a maioria, quase 74% de professores e professoras, considera o desempenho dos(as) cotistas como bom ou muito bom; 19% o avalia como regular e apenas 6% avalia o desempenho como ruim.

Desempenho de estudantes cotistas	
Muito bom	16,7
Bom	57,0
Regular	18,7
Ruim	6,4
Péssimo	1,2
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

### Sistema de cotas e mérito acadêmico

Praticamente 80% dos(as) docentes que responderam a essa questão avaliaram que o nível acadêmico da universidade na qual dão aulas permaneceu igual após a aprovação do sistema de cotas, 10% afirmaram que melhorou e 10% que piorou. Cerca de 61% dos professores e das professoras avaliaram que o sistema de cotas é bom ou ótimo e 39% que é ruim ou péssimo.

### Diversidade racial nos cursos

Aproximadamente quatro de cada cinco docentes pesquisados(as) reconheceram que a diversidade racial nos cursos é importante ou muito importante. Menos de 8% disseram que a mesma não tem importância, não aparecendo diferenças significativas entre as universidades. Esse alto grau de valorização da diversidade racial mostra como os professores e as professoras conhecem as consequências favoráveis à prática docente da representatividade na composição racial de estudantes relacionados à sociedade na qual estão inseridos(as). Fica evidente, assim, que um dos objetivos apontados pela política de cotas raciais nas universidades é consensual entre docentes, mesmo que a proporção dos(as) que apóiam a medida seja um pouco menor quando confrontados diretamente com a pergunta correspondente à cota. A diversidade racial nos cursos, já demonstrada como de singular importância para o aproveitamento escolar em outros países, também aqui é bem avaliada.

### Cotas e relações raciais

Ascendem a 77% os(as) docentes que avaliam que as relações raciais na universidade permaneceram iguais após a implantação do sistema de cotas. Por outro lado, se mais de 3/4

dos(as) entrevistados(as) negam ter conhecimento de situações de conflito racial nas suas universidades, quase 23% respondem que sim, com poucas variações entre as universidades. Entre esses, 25% afirmam que presenciaram ou tiveram conhecimento dessa situação uma vez e o resto, algumas ou várias vezes.

### Composição social e racial

A pergunta sobre se a universidade reflete a composição social do estado foi respondida de forma negativa por mais de 37% dos(as) docentes; cerca de 34% acharam que a mesma só a reflete parcialmente e a minoria, apenas 22%, respondeu afirmativamente.

No tocante à pergunta se a universidade reflete a composição racial do estado, mais de 43% de docentes responderam negativamente e quase 29% disseram que só de forma parcial. Apenas 18% dos professores e das professoras acharam que a universidade reflete a composição racial do estado, uma proporção ainda menor que a anterior, relacionada à composição social.

Desta maneira, a apreciação geral sobre como a respectiva universidade espelha a composição social e racial do estado aparece como majoritariamente negativa, apontando para uma percepção bastante adequada das dificuldades de acesso à universidade por parte de determinados setores sociais e, principalmente, pelos grupos raciais mais desfavorecidos – negros, negras e indígenas –, assim como da dívida educacional que o ensino superior ainda tem com os setores mais excluídos. Essa percepção aparece ainda mais adequada no caso da Universidade de Brasília, onde metade dos(as) docentes respondeu negativamente a essas perguntas.

Entretanto, as perguntas sobre se a universidade deve refletir a composição social e racial do seu estado foi respondida afirmativamente por 68% de docentes no primeiro caso e por 59% no segundo, mostrando que uma ampla maioria apóia essa idéia, que se relaciona com a proposta de promover melhores oportunidades de acesso ao ensino superior aos grupos menos contemplados.

**\*José Luis Petruccelli**

Pesquisador do IBGE,  
consultor do LPP/Uerj,  
colaborador do Ibase

### Destaques da pesquisa

- Maioria docente se manifesta a favor do sistema de cotas raciais na universidade (52%).
- O percentual sobe para 66% entre os(as) que já deram aulas para cotistas.
- Entre professores negros e professoras negras, o percentual favorável às cotas alcança 71%.
- Dos(as) que afirmam existir racismo dentro das universidades, 68% se manifestam a favor das cotas.
- Entre os(as) que se opõem às cotas: 83% são brancos(as) e 70% opinam que não existe racismo nas universidades.
- O sistema de cotas obtém maior apoio de professores e professoras dos cursos de pedagogia e de história: entre 70% e 75%.
- Menor apoio entre professores(as) de medicina e engenharia civil: 20% a 30%.
- 57% de docentes não consideram as cotas como uma forma de racismo.
- Dos(as) docentes que já ministraram aulas para estudantes cotistas, 74% avaliam como bom ou muito bom o desempenho acadêmico dos(as) mesmos(as).
- Em contraste com os(as) que dizem que o regime de cotas rebaixaria o nível acadêmico das universidades, 80% dos professores e das professoras afirmam que o mesmo permaneceu igual após a implementação das cotas.
- Também 80% dos(as) docentes reconhecem que a diversidade racial nos cursos é importante ou muito importante.
- Em contraposição a outro argumento mencionado por quem se opõem ao sistema de cotas, quase 80% dos professores e das professoras avaliam que as relações raciais nas universidades permaneceram iguais após o sistema de cotas, com uma proporção similar negando ter conhecimento de conflito racial no âmbito universitário. ■